



Monte Sinai.

Quem não conhece este monte? Quem não conhece a magnífica tradição bíblica que cinge de relâmpagos a corda granítica d'este sereno arabico para que Deus possa communicar a Moyses as suas leis divinas? Hoje a terra onde se realison a tremenda entrevista compõe-se de tres montes, uma a que a tradição dá especialmente o nome de Sinai e que se chama *Gebel-Musa*, o monte Moyses outro ao norte um pouco mais baixo, que é o Horeb, e, finalmente, o monte de Santa Catharina situado a sudoeste e 350 metros mais elevado do que o *Gebel-Musa*. Esta tradição principiou apenas com a era christã, e robusteceu-se pelo facto de ter o imperador Justiniano mandado alli construir em 527 um convento fortificado, que se chamou de Santa Catharina de Monte Sinai, com uma igreja da Transfiguração de Jesus-Christo onde tambem se mostram algumas reliquias de Santa Catharina.

Comtudo, esta tradição tem sido impugnada por alguns sabios, que mostraram claramente, pelo exa-

me attento das localidades, que a scena biblica não se podia ter effectuado senão no monte Horeb. Assim parece estar hoje demonstrado. Comtudo o convento do Monte Sinai lá subsiste, tal como a nossa gravura o representa, e esse nome santo continua a ser dado ao monte *Gebel-Musa*.

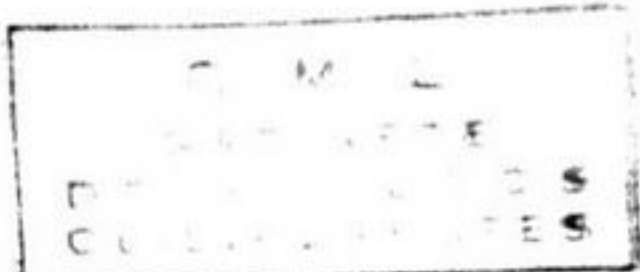
Antigamente n'este monte, agora quasi deserto e escaldado, existiam capellas e ermidas, e alguns mosteiros, entre outros o dos Quarenta Martyres, que ficava situado no valle occidental.

A GALATEA MODERNA,

VIII

Toma o auctor a palavra

Se o leitor me perguntasse os motivos porque tomo a palavra, houvera de escrever grosso tratado das faculdades psychicas, da maneira porque se exercitam e produzem effectos diversos segundo os estados da alma. Dissera, entre muitas cousas al-



tamente philosophicas, que o entendimento e a vontade formam um dualismo nem sempre harmonico, em virtude do qual se produz a actividade do espirito. Depois de muito disreitear e aliviar d'ahi supremacias para as ingenuas faculdades, acabaria por onde devera ter começado, e dir-lhe-ia á puridade, que narrando eu uma historia muito veridica e singela, e antepoendo a verdade a quaesquer outras considerações do *bello* e *deleitoso*, publiquei, sem individuações e rebuços de estylo, as primeiras cartas dos meus heroes, porque d'esta maneira mais facil me era apresental-os quaes são em verdade, e desenhá-os na tela.

Esta a grande vantagem da correspondencia epistolar, que dispensa preambulos, e permite que a narrativa corra livre e natural.

Mas se taes são as vantagens da correspondencia epistolar, porque rasão interrompe-a, e tomar a palavra, quando estava promettida uma carta de Alfredo ao seu amigo?

O leitor minaz, e ainda não conheci algum que o não seja; raciocina perfeitamente e foi, de certo, inspirado pela logica mais subida. Lembre-se, porém, que no trafico do mundo nem os vendilhões vendem o que não tem, e só as mulheres dão amor que nunca sentiram.

Recorra á *Arte de Furtar* do Padre Vieira e lá achará explanado e explicado este ponto.

Estava eu uma noite em S. Carlos, ouvindo não sei já que harmonias de um dos grandes maestros italianos, que souberam alancear-se no rythmo ás sidereas regiões da harmonia.

Todo eu me embebia com immensa voluptuosidade nos canticos que reboavam n'aquella atmosphera asphixiante e calida, que acura e sobreexcita a sensibilidade. Era um enflorar melodias a voz de Mongini n'aquella noite. Ainda não estavamos acostumados ao vicio, ao frescor, á valentia, ao vibrar cristallino d'aquella voz melodica, cujo timbre tem ás vezes a sonoridade metallica do aluminium.

Eu estava no setimo céu. O meu espirito corria longe, longe, atraz das notas que se esvaeciam no ar e morriam na amplidão.

As harmonias, que ouvia, traziam-me á lembrança outras mais superiores, archangelicas, celestiaes, e a phantasia lá ia buscal-as, endoidada, perdida, fremente, nas ondulações do ether.

No meio d'aquelle embevecimento abstraira do mundo, do mundo que me cercava, e nem tinha o sentimento da vida, da existencia material e palpavel. Vivia, mas uma vida interior, toda ideal, cataleptica. Era um d'aquelles momentos em que a alma se separa docemente do corpo, para seguir mais altos destinos. Se a morte assim fosse, seria a liberdade. De repente voltei á vida real. Acordei do sonho. Era Antonio Alvares, meu amigo intimo, e intimo amigo de Alfredo, que me bateu no hombro.

— O que é? disse mal acordado.

— Muito ou nada, como quizeres, respondeu apontando o binóculo para um camarote de pri-

meira ordem. Segui com a vista a mesma direcção e topei com a baroneza do Alpedral, que se encostava esplendida e scintillante, dominando com os olhos a multidão, que enchia a platea.

— É uma formosura peregrina, não achas? continuou Antonio.

— Demasiado plastica. Foi vasada no molde da velha Grecia. É correcta como uma filha de Heliconia. Póde dominar como Venus na sua cõrte; mas eu prefiro Psyche á criação de Milo.

— Que de cousas amontoaste para nada. Terrível gente a geração moderna. Prolixa, palradora, sem opinião. Era melhor dizeres que não gostavas da baroneza por ser demasiado adiposa, porque faz um formoso refego na barba, porque tem uns olhos chammejantes, porque o nariz parece dilatar-se haurindo fogo, porque, emfim, é uma natureza potente.

— Raciocinio de naturalista.

— Raciocinio de homem que preza a verdade.

— Será o que quizeres. Dize-me, porém, o motivo porque me interrompeste nas minhas meditações?

— O motivo é simples. Quero prestar-te um serviço.

— Não percebo. Que relação tem a baroneza com tudo isto.

— Já te não lembras de Alfredo e Violante?

— Eu tenho a memoria do coração.

— Que é de todas a peor. Mas, vamos adiante. Sabes da vida da baroneza?

— Sei que lhe apráz perder-se nos bosques, para que o deus travesso lhe vare o coração com uma setta hervada.

— Deixa-te de mythologias, e falla com rigor e em linguagem commum. Lembra-te que estamos em Portugal, n'este recanto do occidente, aonde todos adoram Victor Hugo e o arremedam. O proprio Byron e Lamartine, e o Goethe e o Espronceda já não ha quem os leia. De Mazoni ninguem falla. Ora Victor Hugo nunca provou o mel do Hymetto. Sê pois nebuloso, se quizeres, invoca o proprio Hegel, e a perfectibilidade, mas não falles na Grecia, n'esse bergeo das letras, porque ficas grego. Ninguem te entende. E depois, meu caro, o ridiculo persegue os arcades. Acabaram os pastores. Fallar de Cupido e da sua aljava é suicidar-se. Está proscripto o genero infantil da arcadia. E o peor é que de envolta com essas velharias lá se nos vae o sabor portuguez, o conceituoso, a clareza, a fidalguia da boa dicção. A aguia de Victor Hugo empolgou nas garras aduncas os nossos pobres rouxinoes, e deixou por cá as corujas e os mochos que piam nos escombros.

— Menos furia, meu caro Antonio.

— Tens razão. Não comprehendo o progresso. Adiante. Sabes por tanto que a baroneza...

— É um pouco leviana, como a castellã da idade media que por horas mortas da noite contava as estrellas nos olhos de um pagem ladino e lindo como um sylpho.

— És incorrigivel. Passas da Grecia para a idade media sem mais reparo, como quem pula de Lisboa para Cintra.

— De que modo heide então definir a baroneza?

— Dize primeiro que é formosa.

— Nego.

— A formosura é uma qualidade relativa, que varia de objecto para objecto, de sujeito para sujeito.

— Deixa-te de philosophias, com que maisinas o teu character de homem assisado. Pelos modos também divides a formosura em objectiva e subjectiva! Horror! Mulher formosa é a que rende o maior numero e não se rende a ninguém.

— Logo a baroneza é formosissima porque agrada a todo o mundo.

— Agrada, mas não rende, seja dito sem calembugo. Não subjuga! Mas por Deus! Acabou o primeiro acto. Perdi esta musica divina do divino Donizetti, por tua culpa e da tua baroneza.

— Já agora ouve, que has de agradecer-me. E pois que encontras tanta difficuldade em definir a baroneza, prosigamos o nó gordio.

— Vamos, pois, adiante, mas não fiquemos no mesmo sitio.

— Sabes que fui o melhor e talvez unico amigo de Alfredo.

— Perfeitamente.

— Não ignoras que o amparei em todas as tribulações da sua vida, nos desenganos, que lhe cavaram a ruina, nos desalentos que lhe compungiram horriavelmente aquella alma de poeta, nas immensas dores que elle curtiu, quando se revolia voluptuosamente nos espinhos que lhe juncavam o caminho. Sabes tudo isto, porque foste testemunha dos meus baldos esforços em lançar balsamo na ferida sanguinosa, em levar um raio de luz ás trevas do carcere em que elle gemia chumbado á propria dôr. Muitas vezes has desejado estudar esse problema chamado Alfredo de Mello, não como um ornato vulgar, como um Desgrieux insulso, que corre atraz de uma Manon devassa, senão como o symbolo de um homem que gira perpetuamente em volta de um ponto fixo até cair redondo no chão, para depois se erguer como Anteu e exclamar: *homo sum*. Esse Alfredo que arrojou a todos os ventos a vida, a alma, o coração; esse louco para quem o mundo era pequeno ambito aonde expandisse as lavas da sua actividade vulcanica; esse homem que foi mais poeta do que Esproncedá, porque saio impolluto da orgia; esse homem que tu tantas vezes contemplaste pasmado e estatico, proque não lhe comprehendias o sorriso de mumia galvanisada; esse semi-deus bi-fronte como Jano, que ora arremeltia com um mundo, ora fugia espavorido de uma creança; esse complexo de qualidades e defeitos, argilla e ether a um tempo, demonio e archanjo, umas vezes seraphico como S. Agostinho; outras sceptico como Fausto, aqui topetando com as nuvens, acolá infimo e desprezível chafurdando no lodo, confundindo Magdalena com Aspasia, e Patmos com a ilha de Chio, a ambrosia com o phajerno; esse mortal, enfim, que quizera que todas as mulheres fossem Artemisas, para que todas lhe elevassem um mausoléo, podes estudal-o completamente, analysal-o, dissecal-o como

um exemplar exotico da especie humana, como um ser monstruoso, teratologico, informe, antediluviano, representante de uma fauna oblitterada, naufrago de um cataclismo antigo, fossil de uma paleontologia desconhecida.

— Como? bradei eu a final?

— Simplesmente. Olha-me com attenção para a baroneza. É uma formosura potente, luxuriante como um feto arborecente, e não sei se diga luxuriosa como um demonio ou como um hippopotamo.

— E depois? Estou farto de contemplar a baroneza.

— Só ella te póde dar a chave do enigma, ella, a companheira inseparavel de Violante, ella o anjo caído que a tentou e offuscou com europeis enganosos, ella, a pagã, que nem mesmo é idolatra, porque ousa conculcar os penates e vilipendiar o marido, ella, a mulher-carne, a Venus Adiposa, o vicio esplendido, a incansavel, a insaciavel, a verdadeira Aspasia que não se vende nem se entrega, porque domina e compra. Essa mulher, borboleta que ao sair da chrisalida para logo queimou as candidas azas no brazeiro das paixões, guarda como um thesouro as cartas de Violante, que foi o unico e verdadeiro amor de Alfredo.

— E como queres que eu arranque esse thesouro de mãos tão avaras e aferradas? Como convencer a baroneza?

— Não sei. Aventura-te n'esse vulcão de lodo, a que ella chama consciencia.

— O Tantaló, imagem eterna e eternamente joven do homem, Vejo o fructo e não posso colhel-o. Desde que conheci Alfredo sempre foi desejo meu mais íntimo e entranhado o seguir passo a passo, com a sonda na mão aquelle viver insolito, aquelle despenhar de loucuras, aquella catadupa de grandes esforços e grandissimas fraquezas. E agora que seguro e palpo o extremo do fio, que havia de guiar-me no labyrintho, quebra-se-me nas mãos de encontro a um rochedo inabalavel.

Antonio Alvares olhou fito para mim.

— O teu desapontamento parece-me verdadeiro.

— Ainda duvidas, barbaro?

— Eu duvido sempre, porque fui muito crédulo. Felizes tempos! O papel de sceptico não é já agora da moda no drama da vida, porque o drama volveu-se comedia. Assentámos todos em nos rirmos das proprias e alheias fraquezas, como Democrito e Diogenes. É o cynismo e o estoicismo. Ha, porém, uma cousa tão santa e pura, um sentimento tão elevado e divino, que é sacrilego quem se ri d'elle. Ninguém escarneça da amizade e das oblatas, que no altar d'ella depoem os fieis. Acredito, pois, na tua dôr. Confio do teu coração. Foste amigo de Alfredo; de razão é que desejes saber-lhe a vida.

— Agradeço e admiro a tua rara agudeza. Parece-me que não é necessario ser OEdipo para adivinhar isso. Invocar a amizade em crise tão natural, qual é a curiosidade de penetrar um enigma, é sobejidão a que tu és muito atreito.

— Desculpo-te ás imprudencias. Vamos ao caso. Eu posso contar-te miudamente a vida de Alfredo.

do, para a romanceares á vontade. Sei, porém, que a baroneza guarda com especial carinho as cartas de Violante. Já vês a vantagem de obter esses documentos de alta valia. Como? Não sei. Quando? Ignoro. Tactêa e espreita a occasião azada. Isso te pertence.

— Amanhã hei de ter as cartas de Violante, exclamei erguendo-me com uns modos inspirados, dignos de um vidente.

— És dotado de dupla vista?

— Não. Conheço as mulheres em geral, e a baroneza em especial.

— E depois?

— Cá tenho a minha tactica. Amanhã á noite serei em tua casa, continuei com um tom fatidico, como quem dá um aprazamento fatal.

— Amanhã te aguardarei e verei se foste o Alexandre d'este caso intricado.

— Adeos.

— Aonde vaes?

— Ao camarote da baroneza.

— Tem mão. Não te percas.

— Infelizmente já não estou na idade de perder-me! Quem dera! Foram tempos que não voltam, ainda mal!

— Vae pois. Guie-te Mercurio, o deus dos ladrões.

— E o mensageiro dos carnaes amores da côrte olympica.

E saí.

Antonio Alvares estava boqui-aberto. Era a imagem do espanto. Estava erecto com a cabeça levemente pendida, olhos semi-velados, sorriso algum tanto sardonico e incredulo. Parecia-me um ponto de admiração seguido de uma reticencia mysteriosa.

(Continua.)

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O CEREBRO

O cerebro do cão não excede o do carneiro e é mais pequeno que o do boi. O cerebro do elephante pesa tres vezes mais que o cerebro humano. A baleia e muitos outros cetaceos tem tambem o cerebro superior ao do homem.

Se se compara o peso do cerebro com a massa do corpo, acha-se que o cerebro do homem é, relativamente, inferior ao de muitas especies de bugios, do pardal, do melharuco e do canario. O cão, relativamente, tambem tem o cerebro mais pequeno que o morcego e o cavallo menor que o coelho.

Comparando-se igualmente as circumvoluções ou pregas variadas e irregulares que se vêm no cerebro de alguns animaes, e que certos auctores tem considerado como signaes de superioridade, nota-se que o burro tem muitas circumvoluções e que o elephante tem mais do que o homem.

Geralmente admite-se que um homem, cujo cerebro pese menos de 1000 grammas, é, necessariamente, privado d'intelligencia. É ponto controverso, qual a idade em que o cerebro attinge o seu peso maximo e se ha alguma epoca em que elle diminue. Segundo o distincto naturalista e elegan-

te escriptor, Pedro Gratiolet, (1) «o cerebro cresce sempre, pelo menos nas raças caucasianas, desde a infancia até a decrepitude.

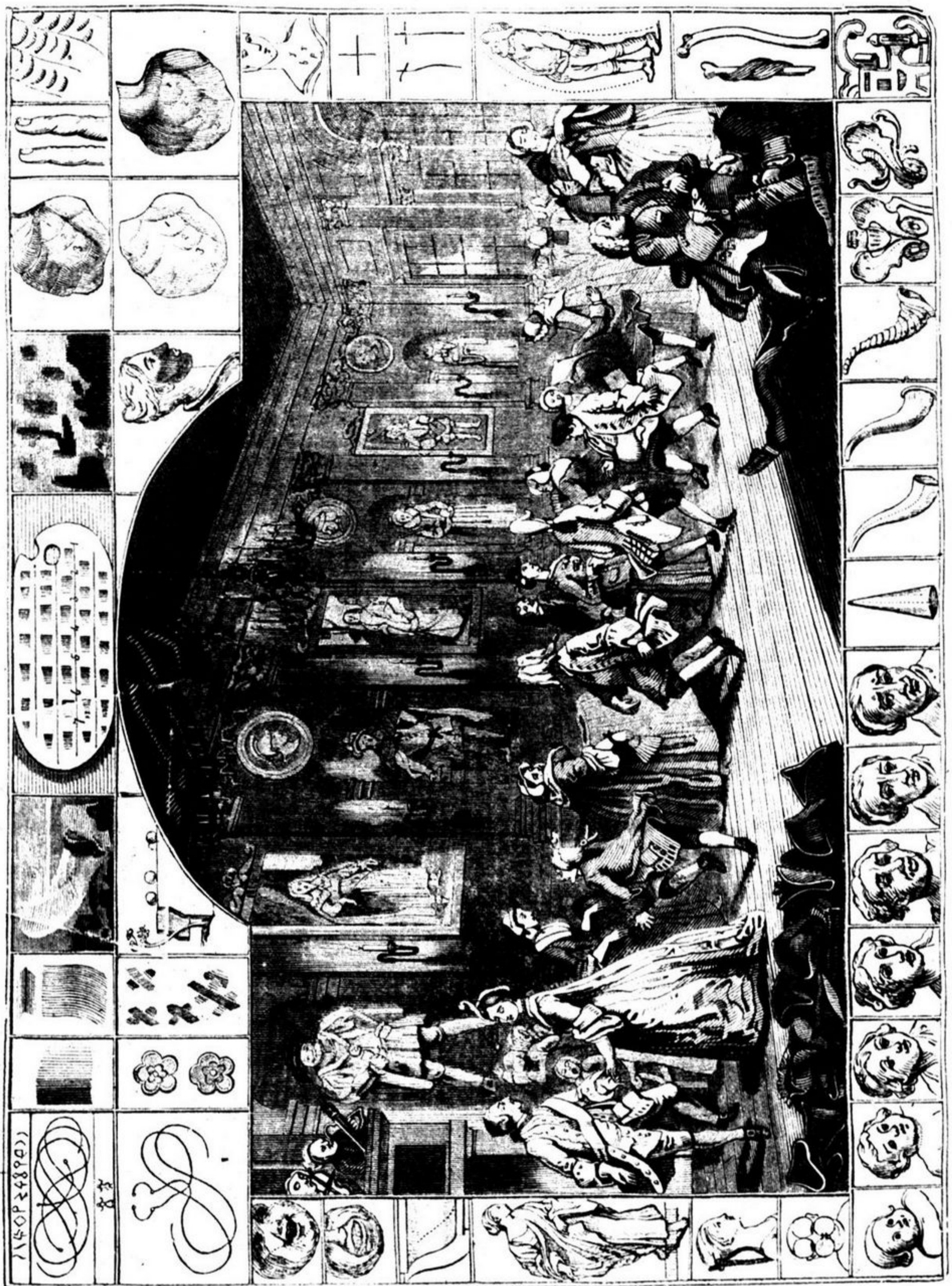
Diz-se que o cerebro de Cromwell pesava 2238 grammas, o de Byron 2238 e o de Cuvier 1829; mas estas cifras, que não são incontestaveis, nada provam. Raphael, Descartes, Voltaire, Napoleão, Schiller e outros muitos homens illustres, tinham cabeças pequenas, e os seus cerebros não podiam exceder muito o peso medio, que varia entre 1328 e 1424 grammas.

A CONTRADANÇA RIDICULA

Já n'este volume do *Panorama* figuraram duas gravuras de Hogarth. A primeira, denominada o *Infeliz Poeta*, era uma d'estas gargalhadas, que occultam lagrimas, um drama contado com voz ligeiramente ironica; a segunda, intitulada o *Musico enraivecido*, considerámo-la como um verdadeiro folhetim, como a producção espontanea de uma hora de bom humor. A que hoje se apresenta aos nossos leitores pôde-se tomar como o typo mais perfeito da caricatura humoristica ingleza, como o exemplo mais notavel d'esse comico phantastico, peculiar das nações septemtrionaes, que produz na litteratura os *Contos extravagantes* de Achim d'Arnim, e as *Historias extraordinarias* d'Edgar Poe.

Os inglezes e os allemães, até mesmo nas horas em que soltam as suas gargalhadas *Fallstafficas* (permitta-se-nos o termo) revelam as tendencias idealistas, que deram á sua litteratura o cunho original, que a fez prevalecer sobre todas as outras, quando a Europa, fatigada d'uma longa crise, e vendo-se no meio das ruinas das suas velhas instituições, sentio um vago desejo de penetrar n'esses mundos desconhecidos e nebulosos, por onde esvoaçava a musa melancolica dos poetas do norte. O francez tem menos tendencia para se despegar da realidade, e o seu culto pelo bom senso, que formou sempre a physionomia particular da sua litteratura, não consente que a extravagancia transponha certos limites. O espirito gaulez, como elles lhe chamam, admite a ironia, a mordacidade, mas não comprehende o *excentrico*. A adoração, que, durante certo tempo, mostraram por Hoffmann, e pelos romancistas allemães da sua escola, foi uma adoração ficticia, uma moda exotica, que já principia á passar. O *humorismo* inglez nunca poude implantar-se completamente na sua litteratura, apezar dos esforços de muitos escriptores. Esta seriedade no comico, esta impassibilidade no extravagante, no absurdo, que os Allemães e os Inglezes consideram como o supremo gráo do chiste, nunca foi acolhido pelos Francezes senão com um meio sorriso. Em compensação a mais leve allusão satyrica do folhetim, e a gargalhada franca e burlesca do *vaudeville* transporta d'enthusiasmo esses Athenienses de Paris.

(1) Pedro Gratiolet, lente de zoologia da Faculdade de sciencias de Paris. Morreu em 16 de fevereiro de 1865.



A contradança ridicula.

Ora a *Contradança ridicula* d'Hogarth é a expressão do comico inglez. É uma phantasia grotesca, é uma visão estapafurdia, é um devaneio disparatado. Não se cansem a procurar allusões que as não encontram; não julguem que as figuras do quadro se vão contorcer em momos e esgarres de *vaudeville*; os vultos da contradança agi-

tam-se com uma seriedade glacial, e tomam com um aspecto funebre as posições mais capazes de despertar a hilaridade. Em torno d'elles volteia a phantasia do-desenhador, formando a esse quadro a moldura mais caprichosa e excentrica. O lapis traça os arabescos mais extravagantes, sem aspirar um momento só a ligar entre si os episodios que foi

formando na tela. Um francez, se tentasse fazer uma caricatura n'este genero, formaria uma collecção de figuras *désopilantes*, como as pôde conceber quem tem o espirito exaltado pelos fumos provenientes dos copos espumosos do Champagne, bebidos no meio d'um tiroteio alegre de rolhas e de bons ditos; mas a caricatura d'Hogarth é um sonho de bebedor de cerveja, que absorveu uns poucos de *bocks*, fumando silencioso o seu cachimbo, e que, deixando depois cair a cabeça em cima da banca, vio, entre uma nuvem vaporosa, agitar-se-lhe em torno essa grave e ridicula contradança.

PINHEIRO CHAGAS

OS TRES FILHOS DE FAMILIA

Anecdota arabe

Um dia, Naaman, bey de Constantina, mandou publicar na cidade um aviso prohibindo os passeios nocturnos, sob pena de morte para todo o individuo que fosse encontrado pela policia; e ao mesmo tempo prescreveu ao caid-dar o fazer pessoalmente a ronda.

Quando chegou a noite o caid fez a sua oração, e, ao sair da mesquita, chamou cinco agentes, e começou o seu giro. Chegados ao Souq-el-Herguema (rua das casas de pasto tunisianas) encontraram tres mancebos, bem vestidos, conversando.

—Mancebos, gritou o caid-dar, que motivos tendes para vos achardes aqui a esta hora?

—Nenhum, responderam elles.

—E de quem sois filhos? accrescentou o caid.

—Eu, replicou um d'elles, sou filho d'aquelle diante do qual se curvam as cabeças dos homens.

—Eu, disse outro, sou filho d'aquelle que dá de comer a quem tem fome.

—E eu, disse o terceiro, sou filho d'aquelle que dá de beber a quem tem sede.

Depois de um momento de reflexão, o caid-dar disse-lhes:

—Não posso por-vos em liberdade sem que o sultão vos veja.

No dia seguinte conduzio-os á presença de Naaman-Bey. Os mancebos deram-lhe as mesmas respostas que tinham dado ao caid.

O principe immediatamente os mandou soltar; depois, voltando-se para os grandes da côrte:

—Notastes, lhes disse, a delicadeza e a finura d'estes adolescentes?

—Perdemo-nos em conjecturas, senhor, responderam elles, e estamos admirados de ver como agarrastes o sentido das suas palavras.

—Muito bem, continuou o Bey, eis aqui a explicação: o primeiro é filho d'um barbeiro, o segundo d'um padeiro e o terceiro d'um aguadeiro.

A estas palavras os cortezãos exclamaram:

—Que Deos vos conceda toda a sua infinita misericordia, ó grande principe e senhor nosso. É o vosso espirito que nos esclarece.

MYTHOLOGIA SCANDINAVA

Nos confins da Europa septemtrional, nos paizes proximos aos gelos polares, habitava em outro tempo o povo scandinavo, que, originario do

Oriente, viera, depois de uma longa peregrinação, estabelecer-se nas inhospitaleiras regiões do Norte, tão distinctas do seu paiz natal. A sua religião era um paganismo grosseiro, muito differente do risonho sensualismo da mythologia grega, e do caracter philosophico dos primeiros dogmas da India; era uma religião de sangue propria de um povo que considerava a paz como uma cousa vergonhosa e que só achava prazer nos combates. Esta religião durou por espaço de muitos seculos, porque a luz do Evangelho tarde penetrou n'aquelles paizes: já muito tempo havia que em toda a Europa se tinham derribado os altares de Jupiter e de Teutates e ainda na Scandinavia se venerava Thor e Odin.

O paiz, que este povo habitava, contribuia poderosamente para que a sua religião tivesse um caracter sombrio; pois é um facto indubitavel que a influencia da localidade deixa-se sentir, até, nas crenças do homem. Os scandinavos deviam sentir esta influencia ao contemplar o seu céu sempre toldado, os seus rochedos selvagens nas bordas de um mar tempestuoso, e o seu aspero clima n'aquelles prolongados invernos; invernos em que a natureza parece envolta em um manto de luto, quando o sol pallido e sem brilho apenas permanece algumas horas sobre o horisonte, allumiando fracamente um paiz agreste e gelado, como que para suspender por um momento a tristeza das suas noites eternas.

A mythologia scandinava, apresenta-nos uma multidão de seres sobrenaturaes, cujos poderes, mais ou menos limitados, estão ao serviço do bem ou do mal, segundo a classe a que pertencem. N'esta religião não está tão marcado, como na maior parte das outras, esse dualismo do bem e do mal, que fórma geralmente a base das crenças de quasi todos os povos; mas, sim, domina uma côr sombria, que não se encontrará acaso em nenhuma outra; os seus deuses tem que defender-se dos ataques dos gigantes, e sabem que chegará um dia em que o mundo será presa das chammias, e que a maior parte d'elles perecerá para não mais resuscitar.

O primeiro de todos os Asas ou deuses é Odin, dominador de todas as cousas; os outros deuses obedecem-lhe e respeitam-no. Sua esposa Frigga lê no coração dos homens e penetra os seus designios antes de serem executados; d'ella e de Odin descendem todos os Asas. Odin tem sempre dois corvos sobre os hombros, os quaes manda todas as manhãs correr os mundos para lhe contarem o que se passa n'elles.

O segundo dos Asas é Thor; este deus é o ser mais forte que existe no universo, e habita um palacio que tem quinhentas e quarenta habitações; geralmente anda em um carro puxado por dois bodes. Thor tem uma clava que é fatal aos gigantes, e além d'isso possui um cinto, que lhe duplica a força quando o ajusta, e umas luvas de ferro. As façanhas de Thor são infinitas, e bastariam para encher um volume. No combate final dos deuses com os gigantes, Thor lucha com a serpente Midgard e é derribado por este monstro. Thor é a personificação do valor e da força.

O terceiro dos Asas é Baldur, deus da bondade, da riqueza e da formosura; o seu rosto é tão resplandecente que despede raios, e é o mais sabio, o mais eloquente e o mais bondoso de to-

dos os Asas; ninguém pôde contrariar-as suas sentenças. Na sua morada tudo é puro. Uma vez sonhou que havia perigos que ameaçavam a sua vida. Os deuses reuniram-se e resolveram preservá-lo de todos quantos males podessem existir. Frigga fez com que o fogo, a água, o ferro e todos os metaes, a terra e as pedras, as arvores, as enfermidades e os venenos, os quadrupedes, as aves e os insectos, todos os seres, em fim, jurassem que jámais causariam o menor damno a Baldur. Um dia os Asas entrelinham-se em perseguil-o, sabendo que não podiam fazer-lhe mal; Loki, porém, deus do mal, vio isto e propoz-se a mata-lo. Tendo-lhe constado que a leste do Valhalla, ou palacio dos bemaventurados, existia um arbusto ao qual Frigga não havia exigido o juramento a respeito de Baldur, porque o julgou mui pequeno, correu ao sitio, cortou-o e voltou para junto dos Asas. Hodur estava fóra do circulo, porque era cego; «porque, lhe disse Loki, não persegues também Baldur?» «Porque não vejo aonde está, e além d'isso não tenho armas, respondeu Hodur.» «Faze como os demais, tornou Loki, e honra a Baldur; eu t'o indicarei: atira-lhe com esta varinha.» Hodur agarrou na varinha e arremessou-a na direcção que Loki lhe mostrava; a varinha foi directamente atravessar o corpo de Baldur e lançou-o morto por terra. Os Asas ficaram gelados de espanto; não podiam, porém, vingar aquella morte por ser um lugar sagrado. Então Frigga perguntou quem era o que se atrevia a descer ao reino das sombras para offerecer á morte o resgate de Baldur. Hermodur, o veloz, filho de Odin, disse que não punha duvida em ir desempenhar tal missão. Durante nove noites caminhou por valles escuros e medonhos até que chegou ao rio Gioll, cuja ponte é coberta de ouro. A donzella que guardava esta ponte disse-lhe que na véspera tinham passado cinco pelotões de homens mortos, e, não obstante, não faziam mais ruido do que elle; — perguntou-lhe também aonde ia, pois não lhe achava cór de cadaver. Hermodur, contou-lhe o fim da sua viagem, e, continuando o seu caminho, chegou em fim, ao palacio da morte, onde vio Baldur no posto mais honroso. Quando no dia seguinte Hermodur pediu á morte que lhe concedesse levar consigo Baldur para renascer a alegria em Asgard, a morte respondeu-lhe que se todos os viventes e todos os objectos inanimados quizessem chorar a desgraça do deus, permittiria então que este tornasse para o seio dos Asas. Hermodur de volta, os Asas enviaram mensageiros a todas as partes pedindo que chorassem a desgraça de Baldur para este bom deus poder sair das mãos da morte: os homens e os animaes, a terra, as pedras, as arvores e os metaes, todos choraram por Baldur; só uma velha permaneceu muda; em vão lhe pediram que chorasse; negou-se obstinadamente a isso, dizendo que guardasse a morte o que já tinha em seu poder. Os Asas, conhecendo que era Loki, resolveram castigal-o, como o fizeram depois.

Niord é o terceiro dos Asas; dirige o curso do vento e domina na água e no fogo. Niord não é propriamente da raça dos Asas; por seu nascimento pertence aos Vanes. Sua esposa Skadi é filha do gigante Thiassi. Niord tem dois filhos: Freir, que dirige o tempo, dispõe do sol, da

chuva, da paz e da fertilidade, e Freia, que é a mais bella de todas as deusas; a esta pertence metade das almas dos que morrem nos combates, assim como a outra metade pertence a Odin. Freia anda em um carro puxado por gatos; é afeiçãoada aos cantos de amor e deve ser consultada em assumptos amorosos.

Outro dos Asas é Tyr, deus da guerra; o seu valor e atrevimento são extraordinarios. Quando os Asas procuravam persuadir o lobo Fenris para que se deixasse prender, este disse que o não faria sem o grande Tyr lhe metter a mão dentro da boca até o termo da sua prisão; como o lobo, fortemente encadeado, vio não mais poder recobrar a sua liberdade, cortou com os dentes a mão de Tyr, que desde então ficou maneta; mas que nem por isso é tido por pacifico.

Bragi é outro Asa que se distingue por sua eloquencia e destreza na poesia; sua esposa Iduna conserva em uma vasilha de ouro as maçãs que dão aos deuses uma juventude perpetua.

Heimdall, chamado o Asa branco, foi dado á luz por nove irmãs; dorme menos que um passaro e vê tanto de dia como de noite; o seu ouvido é tão fino que sente nascer a herva e a lã das ovelhas. Heimdall vela sempre á entrada da ponte por onde hão de passar os gigantes quando forem luctar com os deuses. O som da sua trombeta, chamada Giallar, ouve-se em todos os mundos.

Outro dos Asas é Hodur, o cego, que matou Baldur; é extremamente forte.

Vidar é denominado o Asa silencioso; tem um sapato ao qual cousa alguma pôde causar o menor damno. Vidar é o mais forte depois de Thor e é a elle que se entregam os deuses em todos os perigos.

Os outros Asas são: Ali ou Vali, filho de Odin e de Rinda; é atrevido nos combates e bom archeiro. Uller, habil em patinar, é de rosto agradável e de aspecto guerreiro; é o deus dos desafios. Forseti, filho de Baldur e de Nanna, é o que decide as questões dos homens.

Entre os Asas conta-se também Loki, a que alguns chamam o blasphemo, o deus do engano e do opprobrio. Seu pai foi o gigante Farbauti e sua mãe Laufeya. Loki é formoso, mas de character perverso e inconstante; a sua maldade tem causado grandes pezares aos deuses; em compensação, porém, em algumas occasiões tem-nos salvado dos perigos. Sua esposa chama-se Sygin e d'ella tem um filho chamado Nari ou Narvi; além d'isso, de uma mulher gigante teve por filho o lobo Fenris, que devorará Odin, a serpente Midgard, que rodeia a terra, e a Morte. Os Asas criaram o lobo Fenris, mas sabendo que este monstro um dia causaria a sua ruina, resolveram prendel-o; foi quando em vingança cortou com os dentes a mão de Tyr. Os deuses vendo-o encadeado, pozeram-no entre penhas, mettendo-lhe na boca uma espada com a ponta para cima e o punho na lingua; assim permanecerá até o fim do mundo e dos Asas.

A primeira das deusas é Frigga, cuja formosura é superior a tudo; a segunda deusa Saga; a terceira Eir, especie de Esculapio feminino; a quarta, Gefion, patrona das donzellas; a quinta, Fulla. A principal depois de Frigga é Freia que, abandonada por Odur, seu marido, quando este foi vér-os paizes longinuos, correu todo o mun-

do procurando-o e derramando lagrimas de oiro, as lagrimas da fidelidade. As outras deusas são: Siofn, que apazigua a colera dos homens; Lofn, que corta os obstaculos que se oppõem ao verdadeiro amor; Vara, que ouve os juramentos que fazem os amantes e castiga os que a elles faltam; Syn, que guarda as portas do palacio dos eleitos, e nega a entrada aos que não são dignos; Hlin, que defende os protegidos de Frigga e Gna, emissaria de Frigga.

A mythologia scandinava apresenta-nos além dos Asas ou deuses uma multidão de seres sobrenaturaes, como: As Nornas que habitam junto da enzinha Iggdrasil, das quaes a primeira é Urd (o passado, o tempo primitivo), a segunda, Skuld (o presente, o peccado), a terceira, Vernandi (o porvir); estas Nornas são como as Parcas da mythologia grega. As Valkyrias, (as que elegem) divindades guerreiras de extraordinaria belleza que correm pelos ares a cavallo e que presidem aos combates, nos quaes designam os que hão de morrer para leval-os depois ao Valhalla ou palacio dos eternos gozos. Além d'estas divindades havia tambem os gigantes, os anões, os Alfas e os Vanes.

Os scandinavos criam que havia nove mundos; mas um dos principaes era Muspell, onde dominava o terrivel Surtur, que virá um dia vencer os deuses e abrasar o universo.

As idéas dos scandinavos acerca da ereação, eram muito estranhas. O inferno, segundo elles, existia antes da terra; e o genero humano ainda não existia quando em certo dia a vaca Andhumla, lambendo a geada que tinha uma pedra, fez sair a cabeça de um homem: este homem chamou-se Buri e teve por si só um filho chamado Bor, que era alto e formoso, e que casou com a filha de um gigante, da qual teve tres filhos, Odin, Vili e Ve, a cujas mãos morreu o gigante Ymir, que havia nascido de um modo estranho. Com as diferentes partes do corpo do gigante formaram o mundo em cujo centro levantaram uma fortaleza para resistir aos ataques dos gigantes. Depois criaram o céu e o palacio chamado Valhalla, para onde vão as almas dos que morrem como valentes; o Valhalla é um lugar onde os seus habitantes se entregam diariamente aos combates; mas as feridas que n'elles recebem são curadas de noite; de sorte que no dia seguinte podem continuar a tarefa. Odin, Vili e Ve edificaram tambem Asgard (morada dos Asas) e depois criaram um homem e uma mulher, chamados Ask e Embla, dos quaes descende o genero humano.

A mythologia scandinava não diz quando ha de ser o fim do mundo e dos deuses; só refere que hão de vir antes tres invernos rigorosissimos, sem que haja entre elles nenhum estio; antes d'estes tres invernos o mundo ha de ser desolado por guerras horrendas, nas quaes combaterão filhos contra pais, irmãos contra irmãos. Depois hão de apparecer signaes funestos; o lobo, que segundo os scandinavos perseguia o sol e o fazia andar depressa, devoral-o-ha para grande desgraça do genero humano. Outro lobo, que tambem persegue a lua, apoderar-se-ha d'ella, e as estrellas cairão do céu. A terra tremerá, as arvores arrancar-se-hão pela raiz; os montes desmoronar-se-hão e todas as cadéas serão quebradas. O lobo Fenris vêr-se-ha livre e o mar sairá

dos seus limites espargindo-se pela terra, porque a serpente Midgard animada do mau desejo da sua raça de gigantes, buscará a terra. O Naglfar, navio construido das unhas dos mortos, caminhará sobre as aguas guiado por Hrymr; o lobo Fenris crescerá a ponto de tocar com um queixo no céu e com outro na terra, lançando fogo pelos olhos e pelas ventas; a serpente Midgard vomitará veneno que incendiará o ar e o mar, e o céu rasgar-se-ha por todas as partes. Os filhos de Muspell virão então conduzidos por Surtur, com a sua espada ardente e atraz d'elles virá um fogo abrasador. Loki acudirá tambem com Hel (a morte) e com todos os filhos de Muspell.

Heimdall ao ouvir o estrondo tocará a trombeta e convocará todos os deuses. Odin irá consultar o manancial de Mimir; a enzinha Iggdrasil agitar-se-ha e os Asas preparar-se-hão para o combate; Odin, irá adiante levando a seu lado o valente Thor; Odin tem que combater com o lobo Fenris e Thor com a serpente Midgard; Freir combate com Surtur e succumbe por lhe faltar a sua boa espada. Tyr combate contra o cão da caverna de Gnipa e ambos morrem. Thor consegue matar a serpente, mas é derribado pelo veneno que lhe lança o monstro. O lobo devora Odin, porém o terrivel Vidar põe sobre a queixada inferior do lobo o seu pé coberto com o invulneravel sapato e agarrando-o depois pela queixada superior, fal-o em dois pedacos causando-lhe a morte. Loki peleja contra Heimdall e ambos perecem; mas Surtur espalha o fogo pela terra e abrasa o mundo inteiro.

Depois d'esta catastrophe, a terra sae do mar verde e formosa, e dá frutos sem necessitar cultura. Vidar e Vali continuam vivendo, porque nem o mar nem o fogo poderam prejudical-os; existem ambos no campo de Ida, onde outrora esteve Asgard; ali vão tambem os filhos de Thor com o seu martello. Baldur e Hodur voltam do reino da morte; todos se assentam no Ida e fallam das cousas passadas, da serpente Midgard e do lobo Fenris; na herba acham as taboas de ouro dos Asas.

Dois seres humanos, chamados Lif e Lifthrasir, que se tinham escondido em um lugar recondito na occasião do fogo de Surtur e que se haviam alimentado de rocío, povoam novamente o mundo, e uma filha do Sol, que segue o mesmo caminho que seu pai serve para alumiar de novo a terra.

Esta religião, que parece tão grosseira, encerra um symbolismo profundo em alguns pontos; mas não é possivel aqui explical-o, assim como não podemos dar d'ella senão uma idéa geral: para explical-a em todas as suas particularidades e em sua significação seria necessario um volume.

Os scandinavos parece terem tido alguma idéa de um Deus eterno e incriado, mas só uma vez o menciona a sua mythologia dando-lhe o nome de Pai Universal; este nome é depois dado muitas vezes a Odin; além d'isso ao fallar de um Deus supremo e eterno mencionam um lugar que não é outra cousa senão o inferno, mas não como o pintam ao fallar dos outros deuses. Seja como fôr, as suas idéas acerca d'estes pontos parecem ter sido bastante confusas e vagas; talvez como resto de uma tradição perdida ou como uma idéa tomada de outros povos de distincta religião.